

Educação

Um país é o produto de suas escolas

Embora seu sistema educacional esteja classificado entre os melhores do mundo, os Estados Unidos têm pela frente um grande desafio: elevar ainda mais o nível de produtividade de suas escolas, com o objetivo de preparar as novas gerações para exercer tarefas cada vez mais difíceis e ocupar cargos que exigem o nível de informação cada vez mais alto. Ilustrando a importância desse desafio, um estudo chamado **Workforce 2000**, que vem circulando nos meios acadêmicos e científicos dos Estados Unidos, afirma que até o final deste século 41% dos novos empregos gerados no país exigirão conhecimentos acima da média que os norte-americanos possuem hoje. As ocupações que exigirão habilidades abaixo dessa média representarão apenas 27% dos novos empregos.

É por esse motivo que, se os Estados Unidos não melhorarem ainda mais a qualidade de seu sistema educacional, dificilmente sua economia conseguirá manter-se como a mais desenvolvida do planeta. Segundo esse estudo, o país estaria nestes últimos tempos perdendo terreno em algumas importantes áreas do conhecimento para os "tigres asiáticos". De acordo com testes feitos em 1988, somente 40% dos jovens norte-americanos com 13 anos dominam determinadas técnicas matemáticas, como cálculos com números negativos, decimais e frações, contra 78% dos estudantes coreanos com a mesma idade. A conclusão desse trabalho revela que no mundo de hoje cada país é o que é, em termos de desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, pela ênfase que dá ao seu sistema educacional. Cada país é o produto das suas escolas.

Preocupados com essa questão após terem lido o estudo **Workforce 2000**, e procurando adequá-lo à nossa realidade, vários intelectuais brasileiros acabam de formular um projeto de pesquisa com a finalidade de avaliar o que eles chamam de "perfil cognitivo da população", ou seja, o nível médio

de conhecimento dos brasileiros. Preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), com auxílio da Fundação Carlos Chagas, esse projeto foi concebido especialmente para apurar em que ponto a educação brasileira parou, em face da falência quase total de nosso sistema de ensino público, em todos os níveis. Embora o Ministério da Educação tenha levantamentos indicando a existência de 17 milhões de brasileiros com mais de 15 anos totalmente analfabetos, o IBGE afirma que há pelo menos mais 46 milhões de "analfabetos funcionais", com menos de quatro anos de estudo formal e incapazes de ler e entender um manual explicativo sobre o funcionamento de uma máquina ou de um equipamento.

Esses intelectuais afirmam que nosso sistema escolar atinge hoje só 40% da população. Essa é a razão pela qual a inflação não é o único fator responsável pelo nosso subdesenvolvimento crônico. Mesmo quando ela for debelada o País terá dificuldades para retomar o crescimento, por causa da má qualidade de nossos recursos humanos. O nível médio de informação dos brasileiros é tão baixo, dizem esses intelectuais, que o Brasil está na "lanterninha", entre os países tidos como "em desenvolvimento", na corrida para a modernidade. Com o atual sistema educacional, afirmam, demoraríamos mais de dois séculos para ter a população com o 1º grau completo.

Nestes tempos em que a economia do conhecimento vai suplantando a economia de bens e em que as informações são cada vez mais técnicas e especializadas, exigindo portanto de cada cidadão uma formação básica mais aprofundada para viver num mundo polarizado pela velocidade das transformações técnico-científicas, a iniciativa do Ipea é, mais do que um simples projeto de pesquisa sobre o nível de desinformação dos brasileiros, um novo alerta às autoridades.